

IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

IX

I am a keeper of flocks.
The flock is my thoughts
And my thoughts are all emotions.
I think with my eyes and my ears
And with my hands and feet
And with my nose and mouth.

To think of a flower is to see it and smell it
And to eat a fruit is to know its meaning.

And so when the day is hot
I feel sad for enjoying it so much,
And stretch myself out on the grass,
And close my heat-struck eyes,
I feel my whole body has tumbled into reality,
I know the truth and am happy.

XXXVII

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVII

Like a huge smudge of filthy fire
Sunset lingers on in remaining clouds.
A far-off whistle sounds in the still afternoon.
Surely that of a distant train.

A vague yearning reaches me at this time
And a vaguely placid desire
That appears and disappears.

Just as, at times, on the surface of a stream,
The water puts forth bubbles
Which are born and unmade
And have no other meaning
Than that of being water-bubbles
Which are born and unmade.

|

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima.
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor...
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu não me mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.
Põe as tuas mãos entre as minhas mãos
E deixa que nos calemos acerca da vida.

|

Before I knew you
I loved Nature like one of Christ's peaceful monks...
Now I love Nature
Like one of the Virgin's peaceful monks,
Religiously, in my own way, as before,
But in a manner at once more moving and immediate.
I make out the rivers better when I walk with you
Over the fields right up to the river-bank;
Observing the clouds while sitting beside you
I make them out better...
You didn't take Nature away from me...
You didn't change Nature for me...
You brought Nature closer to me.
Through you I see it in the same way, only better,
By loving you I love it in the same way, only more,
Having chosen me to have and to love you,
My eyes look on everything in a slower, more beautiful way.

I don't regret having been who I once was
Because I remain so.
I only regret not having loved you before.
Put your hands in mine
And let's go silent over life.

Para além da curva da estrada
 Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
 E talvez apenas a continuação da estrada.
 Não sei nem pergunto.
 Enquanto vou na estrada antes da curva
 Só olho para a estrada antes da curva,
 Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
 De nada me serviria estar olhando para outro lado
 E para aquilo que não vejo.
 Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
 Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
 Se há alguém para além da curva da estrada,
 Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
 Essa é que é a estrada para eles.
 Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
 Por ora só sabemos que lá não estamos.
 Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
 Há a estrada sem curva nenhuma.

Beyond the bend in the path
 Maybe there's a well, maybe a castle,
 Or maybe the path just continues.
 I don't know nor ask.
 While travelling the path before the bend
 I only watch the path before the bend,
 Because I can't see anything except the path before the bend.
 It wouldn't help me to look at it any other way
 And the way, I just don't see it.
 The only place that matters is where we are.
 There's enough beauty in being here and nowhere else.
 If there's anyone beyond the bend in the path,
 Let them worry about what lies beyond the bend in the path.
 That's their path.
 If we're meant to arrive there, then we'll know when we've arrived there.
 For now we only know we're not there.
 Here, there's only a path before the bend, and before the bend
 The path without any bend.

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei-de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada coisa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada,
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos,
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,

The shocking reality of things
Is my daily discovery.
Everything is what it is,
And it's difficult to explain how much joy that gives me,
And how much that satisfies me.

To exist is enough to be complete.

I have written many poems.
I have to write many more, naturally.
Every poem of mine tells me so,
And all of my poems are different,
Because everything there is has a different way of saying this.

Sometimes I begin to watch a stone.
I don't begin to wonder if it feels.
I don't get muddled by calling it my sister.
I like it because it is a stone,
I like it because it feels nothing,
I like it because it bears no relation to me.

Other times I listen to the wind go by,
And it seems just to hear the wind go by it was worth being born.

I don't know what others will think reading this;
But it seems this must be right because I think it without effort
With no idea that others hear my thoughts;
Because I think it without thinking,
Because I say it as my words would have it.

They called me a materialist poet once,

E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer coisa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que o escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

*

And this surprised me, as I didn't believe
They could call me any such thing.
I'm not even a poet: I simply see.
If what I write has value, that value is not in me:
The value is there, in those verses.
All of this is completely independent of my will.

*

Quando tornar a vir a primavera
Talvez já não me encontre no mundo.
Gostava agora de poder julgar que a primavera é gente
Para poder supor que ela choraria,
Vendo que perdera o seu único amigo.
Mas a primavera nem sequer é uma coisa:
É uma maneira de dizer.
Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.
Há novas flores, novas folhas verdes.
Há outros dias suaves.
Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

When the spring returns once more
Perhaps it won't find me in the world.
I'd like to be able to say the spring is a person
So I might suppose it would cry,
To see it had lost its only friend.
But the spring isn't even a thing:
It's only a way of speaking.
Not even the flowers return, or the green leaves.
There are new flowers, new green leaves.
Other soft days follow.
Nothing returns, nothing is repeated, because everything is real.